

o b s e r v a

observatório
de ambiente
e sociedade



Representações da Cidade e do Campo

João Ferreira de Almeida, Ana Cristina Ferreira e Marisa Pott

e estudo / 14

1999

Painel
REPRESENTAÇÕES DA CIDADE E DO CAMPO

Relatório Final

João Ferreira de Almeida

Ana Cristina Ferreira

Marisa Pott

Dezembro de 1999

ÍNDICE

Introdução	2
1. A relação cidade-campo em Portugal	3
2. Procedimentos metodológicos	5
2.1 Metodologia e elaboração do guião de inquérito	5
2.2 Descrição dos inquiridos	6
3. Onde se prefere viver: A. Avaliação da vida na cidade.	8
4. Casa de férias: a praia no lugar do campo enquanto espaço de lazer.	13
5. Avaliação da vida no campo.	16
6. Comparação dos resultados das duas fases de inquirição.	19
Conclusões	20

INTRODUÇÃO

O Inquérito Nacional às Práticas e Representações dos Portugueses implicava desde o seu início um conjunto de perguntas que pudessem ser exploradas mais profundamente a um outro nível de inquirição, nomeadamente através da consulta de um painel de inquiridos permanente. Nesse sentido, um objectivo do painel que foi posteriormente constituído era, exactamente, o de aprofundar temas abrangidos pelo inquérito nacional e que necessitassem de um outro tipo de tratamento, com informação mais clara e que explorasse perguntas mais específicas e a um nível mais qualitativo.

Um dos temas do inquérito que se considerou necessário explorar através do painel de inquiridos foi o das representações do campo por oposição às representações da cidade e dos modos de vida na cidade.

Procura-se essencialmente, identificar aqui, que imagens estão associadas ao campo; uma vez que, parece existir uma redefinição dessa ideia distanciando-se da noção de província, ou da ideia de campesinato e aproximando-se de um ideal neo-ruralista associado ao lazer, bem-estar e qualidade de vida.

1. A RELAÇÃO CIDADE-CAMPO

A relação cidade-campo, estabelece-se ao nível da escolha de espaços de vida associados por um lado às oportunidades de qualidade de vida material que estes oferecem, e por outro lado, às oportunidades de qualidade de vida ambiental, de descanso e lazer. Dos resultados do inquérito nacional realizado pelo OBSERVA em 1997, às práticas e representações ambientais dos Portugueses (Almeida, 1997: 135-141), verifica-se que quando se perguntava onde é que se vivia melhor em Portugal, as primeiras referências iam para o campo (42% dos inquiridos) e para as cidades pequenas e vilas (24%) e aldeias (21%).

Embora não se explorassem as razões directas desta escolha, foi possível identificar que características estavam associadas à vida no campo. Estas variavam entre uma vida calma (26%), saudável (23%) e beleza da paisagem (18%). Quanto à cidade, verificava-se que os atributos que a valorizavam eram essencialmente o acesso a serviços e bens de consumo, emprego e transportes e acessibilidades.

Estes resultados indicavam que por um lado, a definição dos locais onde se vive melhor em Portugal, associava-se a uma ideia de ruralidade e a um ambiente saudável e sem stress, ligado claramente a uma ideia de qualidade de vida quer no sentido mais genérico, quer no sentido ambiental, enquanto que a cidade associava-se a uma qualidade de vida material.

Por outro lado, verificou-se também que quem optava por seleccionar o campo, cidades pequenas e aldeias como locais de melhor qualidade de vida eram os indivíduos mais velhos e com uma maior escolarização, sendo que os mais jovens referiam mais frequentemente outras opções, como as grandes cidades ou a praia.

Contudo, não se inquiria sobre as preferências dos locais de residência. Ou seja, onde é que as pessoas preferiam viver apesar das atribuições que faziam quer ao campo, quer à cidade e, apesar de terem pré-definido o campo como o lugar com melhor qualidade de vida. Assim, esta foi uma das perguntas que se decidiu explorar neste inquérito sobre a relação cidade-campo, aplicado no âmbito do painel. Por outro lado, decidiu-se analisar as razões que conduziam a essa escolha. Será que apesar de se viver melhor no campo, e deste estar associado a uma vida mais saudável e calma, faz deste uma opção preferencial de um

local de residência. E este não é só o lugar onde se vive melhor, como é também (segundo os resultados do mesmo inquérito) o lugar onde existe melhor ambiente. Mas não poderá uma oferta de melhores serviços, bens e desenvolvimento ser preferencial a uma oferta de melhor ambiente? Esta foi outra das interrogações que motivou a elaboração do inquérito aplicado ao painel e cujos resultados são apresentados neste relatório.

Quanto aos locais escolhidos pelos portugueses para as suas férias, verificou-se no inquérito de 1997 que metade dos portugueses que passa férias fora de casa opta por ir para o campo ou praia, motivados pelo descanso, qualidade da paisagem, convívio e pelo ambiente saudável. Uma das questões que não foi explorada era se a preferência maior ia para o campo ou para a praia, e se, tendo hipótese de possuir uma segunda residência de férias ou fim-de-semana optavam por a ter na praia ou no campo. Uma vez que o campo está associado a uma vida calma e saudável e sendo que o que se procura nas férias é exactamente o descanso e o ambiente saudável seria de esperar que a escolha recaísse para o campo. A não ser que a própria praia reúna as mesmas condições que são apontadas para definir a qualidade de vida no campo. Se assim for, não se têm uma representação de separação territorial entre a cidade e o campo, mas antes uma separação entre um estilo de vida urbano e um estilo de vida não urbano (quer no campo ou na praia) que está associado a atributos ausentes dessa vida urbana. Ou seja, características como, sossego, ambiente saudável, descanso e eventualmente lazer.

Estas interrogações foram sistematizadas nesta investigação mais particularizada a um grupo reduzido de inquiridos que foi sujeito a uma inquirição sequencial, desenvolvida em duas fases e a título de um estudo de tipo experimental. O desenvolvimento da investigação e a metodologia utilizada são explorados no capítulo que se segue.

2.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os resultados observados com o Inquérito Nacional serviram de base para a construção de um conjunto de interrogações que conduziram a um pequeno modelo de análise da relação entre a cidade e o campo. A um primeiro nível de análise interrogou-se sobre os locais preferenciais para viver, para avaliar a posição das cidades face a outros espaços como a vila e a aldeia. Ainda no campo de análise destas escolhas, aprofunda-se a relação dos inquiridos com a cidade, apontando-se as razões que justifiquem o gostar ou não de viver numa cidade. Assim, procura-se confirmar se as justificações da preferência pela cidade estão associadas a uma qualidade de vida material, que se manifesta pelo acesso a infraestruturas e serviços.

O campo é analisado num segundo nível e na sua relação com a emergência de um possível neo-ruralismo associado à ideia de bem-estar e qualidade de vida não material, a que estão associadas as características de lazer, descanso e conforto. O campo foi, também tratado enquanto local de escolha de uma segunda residência de férias e fim-de-semana para onde as pessoas se evadem, fugindo à movimentação da cidade, procurando uma possibilidade de evasão. Ao campo contrapõe-se a escolha da praia para as mesmas férias e fim-de-semana. Esta análise é cruzada com um grupo de variáveis de caracterização social com o objectivo de traçar o perfil dos inquiridos pelas diferentes escolhas que forem feitas.

2.1 Metodologia e elaboração do guião de inquérito

Tendo em conta o objectivo subjacente ao modelo construiu-se um guião de inquérito centrado na comparação das preferências entre a cidade e o campo. A ideia de campo foi associada a um local de passagem durante férias e fins-de-semana e, neste caso, fez-se uma comparação entre a preferência pelo campo e a praia para identificar as situações em que o campo se destacava desses fins. Por fim inquiriu-se sobre as imagens que as pessoas têm do campo e de como imaginariam a sua vida se aí vivessem. Para esta análise, optou-se pelo recurso às perguntas abertas onde as opiniões são livremente expressas, permitindo o desenho de um mapa das diferentes representações associadas ao campo. Relativamente à cidade e, também, através de uma pergunta aberta sobre as razões que levam uma pessoa a gostar ou não de viver na cidade.

Para a realização da análise utilizou-se, como base de construção da amostra, os inquiridos não peritos do painel inicial utilizado para o inquérito nos oceanos. Com base nesta amostra fez-se uma aplicação telefónica do inquérito previamente construído.

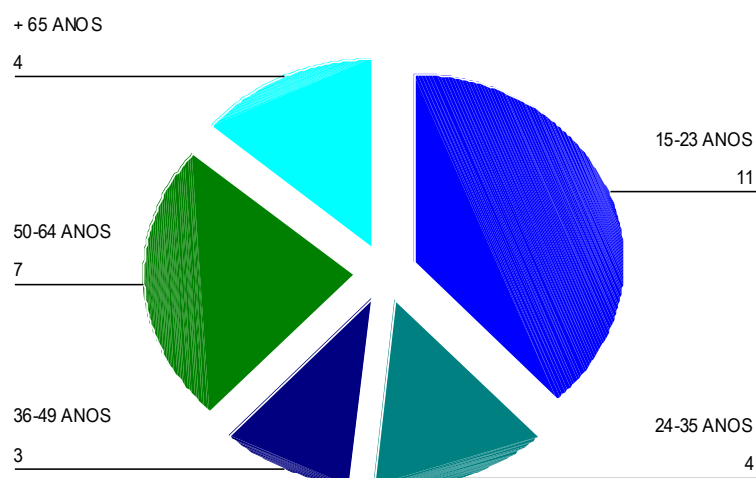
Os inquéritos foram aplicados em duas fases distintas (separados por um período de seis meses) com vista a estabelecer comparações. A primeira fase foi aplicada durante os meses de Março e Abril, os inquéritos da segunda fase foram aplicados durante o mês de Setembro. Esta separação temporal tinha por objectivo de se obter um registo de comparação da configuração das imagens inicialmente recolhidas e com o intuito de perceber-se até que ponto estas imagens são estáveis no tempo, mesmo após um período de férias. Desta aplicação, e nesta segunda fase, apenas se conseguiram contactar 24 dos mesmos inquiridos, uma vez que os restantes não estavam contactáveis, ou não puderam responder.

Ainda durante o mês de Setembro procedeu-se à construção da base de dados da segunda fase, e introduziram-se todos os dados obtidos durante a aplicação. A partir destas bases, realizou-se a respectiva análise das respostas obtidas através de frequências e cruzamentos para as perguntas fechadas, e análise dos conteúdos das perguntas abertas. listagem inicial das frequências referentes as respostas obtidas. Após a análise dos dados trataram-se os resultados que a seguir se apresentam

2.2. Descrição dos inquiridos

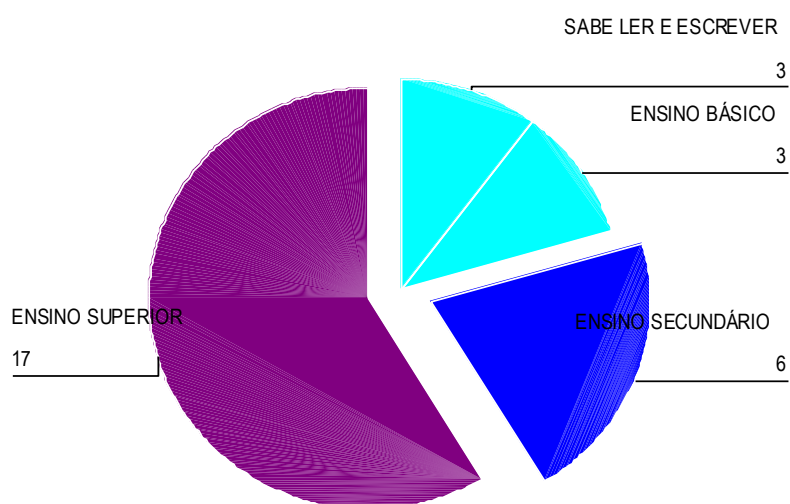
O grupo de inquiridos do painel entretanto alargado para 29 indivíduos, encontra-se dividido segundo o sexo (15 do sexo masculino e 14 do sexo feminino) e segundo a variável estado civil, organizada em duas categorias; “nunca viveu em casal” (14); “vive ou já viveu em casal” (15). Encontra-se igualmente dividido por dois grandes grupos etários: dos 15 aos 35 anos de idade (15) e com mais de 36 anos de idade (14), embora a grande maioria dos inquiridos esteja no escalão etário que vai do 15 aos 23 anos de idade (figura 1).

Figura 1 - Escalão etário



Quanto à escolaridade tem-se 6 indivíduos com o ensino básico (completo ou incompleto), 6 com o ensino secundário (ou com a frequência do ensino secundário) e 17 com o ensino superior ou a frequentar este grau de ensino (figura 2). Destes inquiridos 13 exercem profissão, sendo que destes 2 são trabalhadores estudantes; a amostra inclui ainda 1 desempregado, 2 domésticas 8 estudantes e 5 reformados.

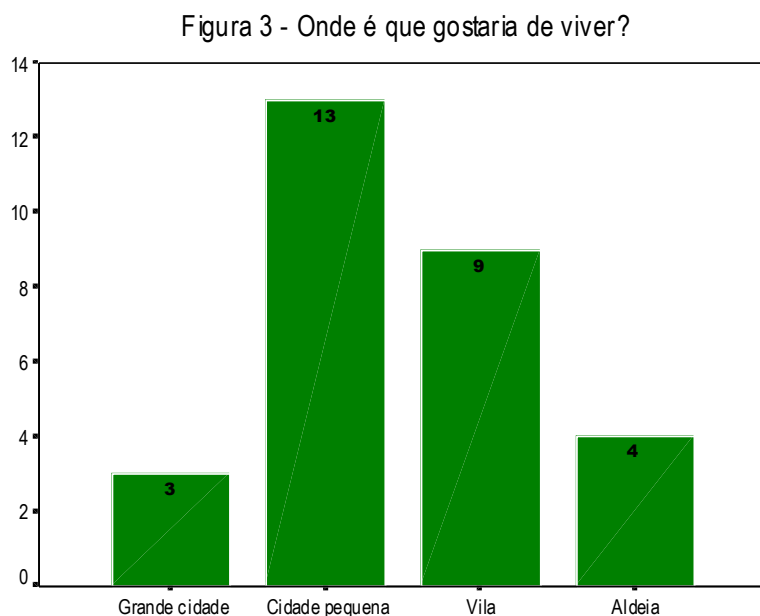
Figura 2 - Escolaridade



3. ONDE SE PREFERE VIVER: A AVALIAÇÃO DA VIDA NA CIDADE

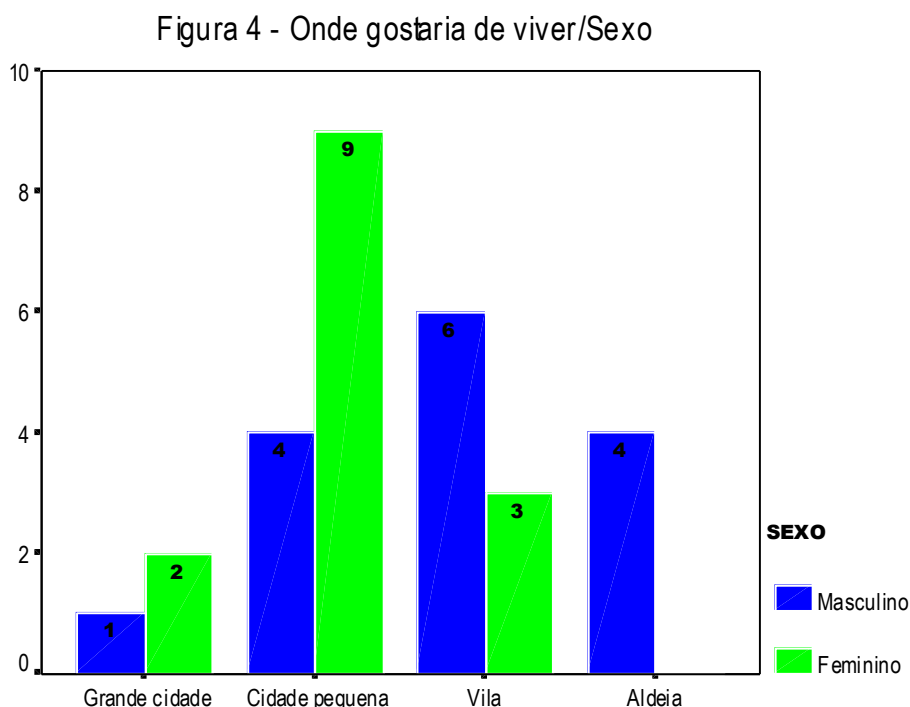
A avaliação das escolhas dos locais preferenciais onde viver é necessária para a compreensão dos factores que conduzem a selecção de locais de residência. Como se havia verificado antes no Inquérito nacional de 1997, as opções de locais para viver não recaem maioritariamente na cidade, mas não se explicava que razões podiam explicar essas escolhas. Quais são essas escolhas e que razões são apontadas para explicar o gostar de viver na cidade?

Numa primeira análise perguntou-se, onde é que os inquiridos deste painel preferiam viver se não tivessem constrangimentos de outra ordem, como o trabalho ou a escola? Do conjunto das respostas obtidas (n= 29) chegou-se à conclusão que a maioria optaria por viver ou numa cidade de pequenas dimensões (13), ou numa vila (9). Sendo que apenas 3 afirma que gostaria de viver numa grande cidade e 4 numa aldeia (Figura 3).



Os que gostariam de viver numa grande cidade distribuem-se equitativamente pelos três escalões etário mais baixos, isto é um indivíduo para o escalão 15-23 anos, outro para o escalão 24-35 e outro para o escalão 36-49. Contrariamente, os que afirmam preferir viver numa aldeia concentram-se nos 2 escalões mais elevados (50-64 e +65) ainda que mesmo

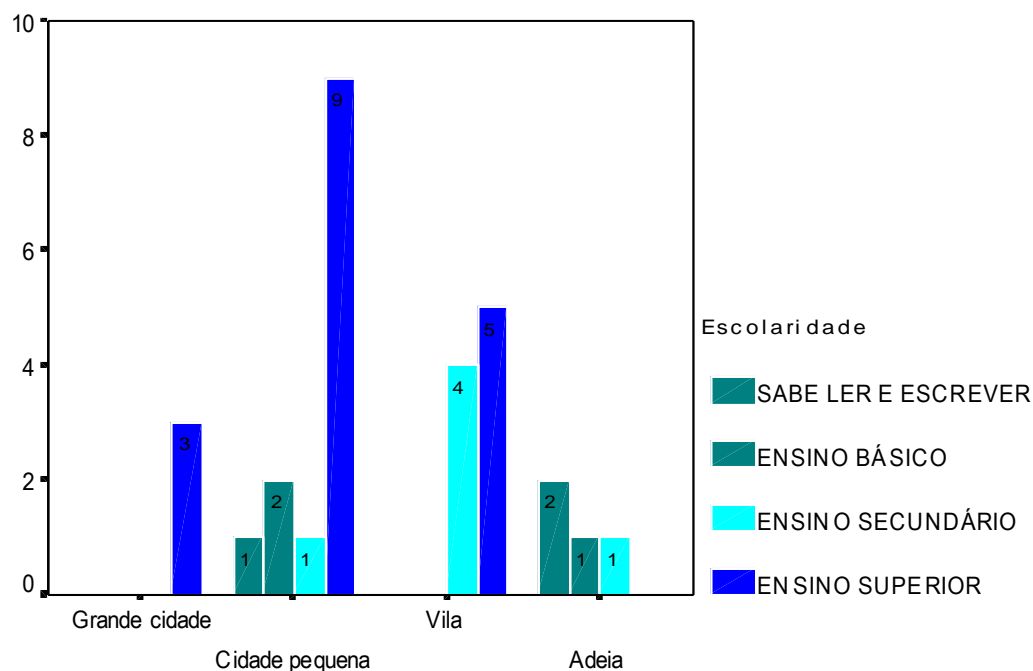
assim exista um inquirido jovem (escalão 15-23) a responder afirmativamente à mesma pergunta. Quem prefere a grande cidade ou uma cidade de pequenas dimensões são as mulheres e não tanto os homens (9 mulheres contra 5 homens), sendo que estes optam pela vila (6) e pela aldeia (4). Nenhuma das mulheres incluídas neste painel gostaria de viver numa aldeia, e só 3 gostariam de viver numa vila (Figura 4).



Estes resultados podem estar associados à ideia de que as mulheres têm menos liberdade em povoadamentos mais pequenos e mais associados a um certo tradicionalismo e conservadorismo. A questão dos modos de vida culturais das pequenas localidades, não era explorada neste inquérito uma vez que o principal vector de análise eram os modos de vida em termos de qualidade ambiental e lazer, mas não deixa de ser um resultado relevante de reflexão sobre as ofertas oferecidas pelas cidades.

São também os mais escolarizados que expressam a sua preferência pela vida na cidade, quer seja uma cidade pequena ou de grandes dimensões. Do total de 16 preferências pela cidade, 12 vêm de indivíduos com o ensino superior. As escolhas que recaíram sobre a vila vão para os inquiridos com ensino secundário e também superior e, finalmente, são os menos escolarizados que acabam por optar pela vida na aldeia. (Figura 5).

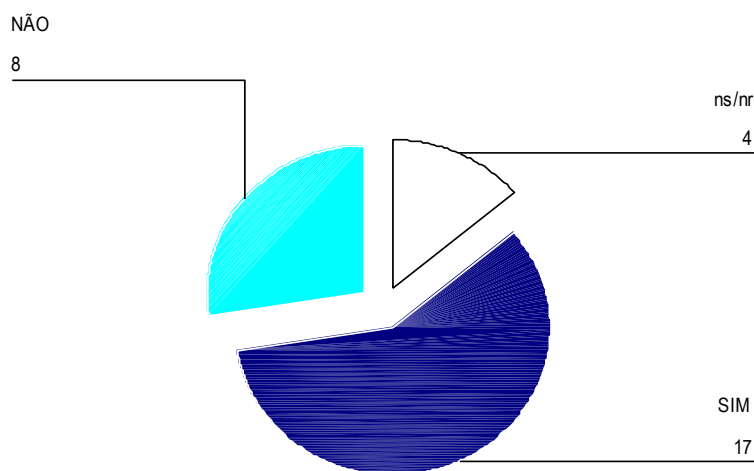
Figura 5 - Onde gostaria de viver/Escolaridade



Resumindo, quem opta pela vida nas cidades (preferencialmente de pequena dimensão) são essencialmente as mulheres, os inquiridos mais jovens e os mais escolarizados. A grande cidade não é um território que se saliente, embora a maioria dos inquiridos (25 em 29) afirme que já vive numa cidade. De seguida, resolveu-se averiguar se, apesar de tudo, os inquiridos do painel gostavam ou não de viver numa cidade.

Quando se pergunta aos inquiridos do painel se gostam de viver na cidade, dos que de facto assumem viver numa cidade (25 do total de 29 inquiridos), 17 desses afirma que sim, enquanto apenas 8 mencionam que não (Figura 6). Deste último grupo mais pequeno, 3 vivem em Lisboa, 1 em Lagoa, outro em Alcobaça, outro em Ponta Delgada e 2 em Odemira.

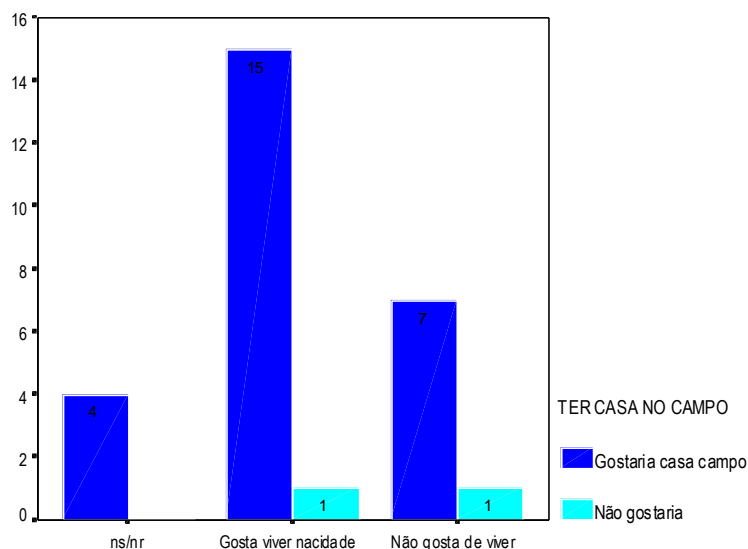
Figura 6 - Gosta de viver na cidade?



Os que mencionam que não gostam de viver na cidade apontam como principais razões para esse sentimento o facto de esta ser demasiado grande (‘é muito maior do que eu gostaria’), ter muita confusão, um grande movimento, limitar a liberdade, ser poluída, barulhenta, cansativa e ter um trânsito excessivo. Na realidade, para este grupo a cidade aparece associada à ideia de cansaço e confusão ligados à corrente movimentação citadina.

Dos mesmos 8 indivíduos que respondem não gostar de viver na cidade, verifica-se que todos eles gostariam de ter uma segunda casa onde passar férias, dos quais 6 optariam por uma casa no campo enquanto 2 por uma casa na praia. No entanto, cruzando as posições relativas ao gostar, ou não de viver na cidade com o gostar de ter uma segunda residência, verificou-se que independentemente de se gostar ou não de viver na cidade quase todos os inquiridos gostariam de ter uma segunda casa onde passar férias e fins-de-semana; dos 22 que assim o afirmaram apenas 7 é que afirmam não gostar de viver na cidade (figura 7). Assim, parece que não é a existência de uma relação de satisfação ou não com a vida na cidade que contribui para essa preferência, mas eventualmente a necessidade de se ter um lugar opcional para o lazer e descanso.

Figura 7-Gostaria de ter uma casa de campo/gostar de viver na cidade



Esta questão é desenvolvida no capítulo seguinte, mas pode-se adiantar aqui que, para estes inquiridos, o campo, ou mesmo a praia, não são lugares que se opõe ao espaço urbano, enquanto local onde se tem a organização da vida pública e privada, mas sim um local alternativo à residência urbana. Não esquecer que a maioria dos inquiridos optava por viver em cidades e não tanto pela aldeia.

Analisando as respostas dos 8 inquiridos face à pergunta que referiam como é que imaginavam a vida no campo, 5 salientaram imediatamente representações associadas à ideia de calma, tranquilidade, sossego e vida sem stress, uma vida natural e saudável, enfim uma vida agradavelmente relaxada que se opõe às definições da vida na cidade. Os restantes três não pensam da mesma forma, para estes últimos, ou não é fácil imaginar a vida no campo, ou então esta é entendida como muito trabalhosa e menos rentável.

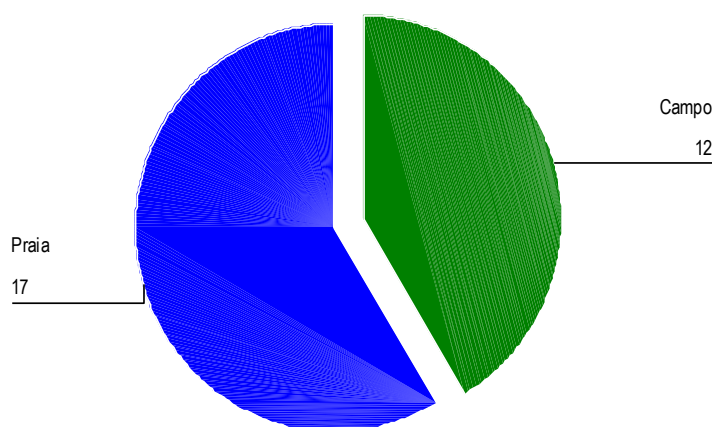
Quando por sua vez se perguntava como é que as pessoas imaginavam a sua vida se vivessem no campo, encontram-se novamente algumas respostas engraçadas neste grupo dos 8 inquiridos que afirma não gostar de viver na cidade. Ainda que 3 mencionem que imaginam uma vida calma, sem stress, sossegada e com 'bom ambiente'/saudável, 2 não conseguem responder e os restantes afirmam que esta deveria ser aborrecida ou vocacionada para uma actividade agrícola.

4. UMA CASA DE FÉRIAS: A PRAIA NO LUGAR DO CAMPO ENQUANTO ESPAÇO DE LAZER?

Analizadas as preferências dos lugares de residência dos inquiridos e a sua relação com a vida na cidade, fez-se uma análise das opções de escolha dos locais preferidos para uma segunda residência. A pergunta que foi feita neste inquérito dirigia essa escolha para as férias e os fins-de-semana, sendo que o interesse era o de averiguar o tipo de locais escolhidos para essas situações específicas.

Quando se pergunta aos inquiridos se gostariam de ter uma casa de campo onde passar fins-de-semana ou férias, a grande maioria (26 dos 29) responde claramente que sim, embora desses apenas 12 optassem pelo campo, uma vez que os restantes (17) optaria uma segunda casa, mas na praia. Do total de 29 inquiridos a maioria prefere uma casa na praia, ainda que muitos optem pelo campo (Figura 8). Os restantes 3 que não respondem à pergunta afirma já possuir uma segunda casa para férias e fins-de-semana.

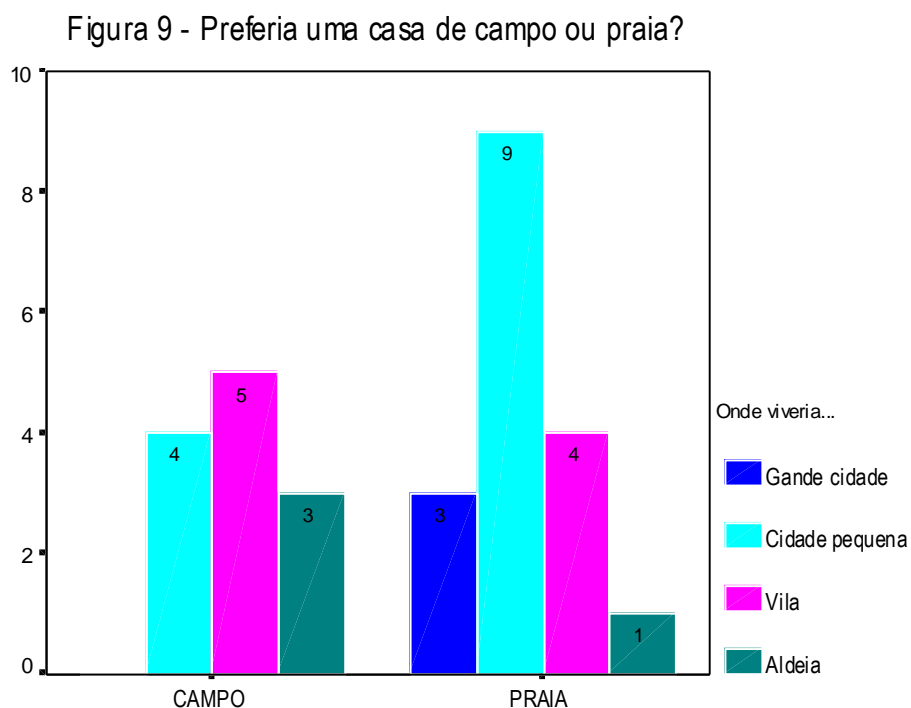
Figura 8 - Prefere casa de campo ou praia?



A praia associada às férias de Verão indica-nos que essa segunda residência está vocacionada, no caso dos inquiridos do painel, para o descanso e lazer. Nestes casos, o campo parece não oferecer tanto interesse, talvez por estar associado a outras formas de evasão, embora esta questão não seja aqui explorada mais profundamente. Já na análise do

inquérito aos mares e oceanos(Almeida, Ferreira e Pott, 1998), verificou-se que para a maioria dos inquiridos deste painel o mar lembrava descanso, conforto, tranquilidade e mergulhos na praia, o que indica que o descanso não está apenas associado ao campo. Uma vez que uma das críticas à vida na cidade era o cansaço e a movimentação, é natural que a alternativa de residência não seja pensada em termos das características físicas do lugar escolhido, mas sim em termos do estilo de vida e das sensações que proporciona. Daí também ao campo surgirem como primeiras características de referência o descanso, o sossego e tranquilidade e só depois as características da paisagem.

Para analisar mais pormenorizadamente quem é que afinal prefere uma casa na praia, fez um cruzamento com a pergunta que refere as opções de locais preferências para viver. Deste cruzamento verifica-se que quem opta pela praia são essencialmente as pessoas que preferiam viver numa pequena cidade. Os que preferiam uma casa de campo são os que gostariam de viver numa vila, embora deste grupo os inquiridos dividam-se entre o campo e a praia (figura9).



Assim, dos 4 que afirmam que gostariam de viver numa aldeia, 3 também referem que a ter uma segunda residência gostariam que esta fosse no campo. Dos 9 que gostariam de viver numa vila, 5 optavam por uma segunda casa na praia e 4 por uma no campo. Dos 13 que gostariam de viver numa pequena cidade, quase todos (9) afirmam que gostavam de ter uma segunda casa na praia, e finalmente os 3 que gostariam de viver numa grande cidade optam definitivamente por uma casa de férias ou fim de semana na praia.

São os que preferem os espaços mais pequenos, e provavelmente mais calmos que acabam por mais facilmente escolher o campo para o local da segunda residência. De facto, ao todo encontram-se 12 inquiridos que optariam por uma casa no campo, e destes 12, pelo menos 10 afirmam claramente que imaginam que a vida no campo é mais calma, mais relaxada e mais saudável. Apenas 2 consideram que essa vida seja trabalhosa e difícil.

Entretanto, analisou-se mais detalhadamente as opções dos inquiridos que dizem gostar de viver numa pequena cidade e a sua relação com a escolha de uma segunda casa na praia. Interrogava-se se isso teria a ver com a procura de um determinado tipo de definição de espaço de vida (cidade intermédia e associada ao lazer) ou estaria de algum modo associado a hábitos já cultivados no seu actual lugar de residência. Relacionando estas respostas com o lugar de residência dos inquiridos, verificou-se que 9 dos 13 que optava por uma pequena cidade (que até coincide com os 9 que gostariam de uma casa na praia) já vivem em localidades do litoral e junto ao mar (Leça da Palmeira, Cascais, Oeiras, Ponta Delgada, Faro e Tavira), sendo que estas são também cidades de pequenas dimensões, ou vilas. Assim, aparentemente, estes inquiridos optariam por ter uma segunda residência que estivesse situada num lugar com as mesmas características da sua localidade de residência, onde eventualmente podem manter os seus habituais modos de vida. São também estes que não criticam de todo a vida na cidade.

5. AVALIAÇÃO DA VIDA NO CAMPO.

Finalmente, exploradas as preferências por zonas de residência e de férias e fins-de-semana, passou-se a uma análise directamente centrada na vida no campo. Assim, neste capítulo faz-se um levantamento da avaliação que os inquiridos fazem da vida no campo. Como esta análise já foi feita para o grupo dos 8 indivíduos que respondeu não gostar da vida no campo (capítulo 3), reserva-se a análise para os restantes 17 que, contrariamente afirmaram gostar da vida na cidade.

Numa primeira análise verifica-se que estes 17 inquiridos afirmam gostar de viver na cidade por um conjunto de razões e argumentos que não são usados para justificar a vida no campo. Todas as características referenciadas para justificar as preferências pela cidade não surgem nos imaginários associados à vida no campo como se vê pelos resultados que se seguem (ver Quadro 1 em baixo).

Destes, 14 salientam que na cidade tem-se tudo o que é necessário uma vez que existe um suporte de infraestruturas variadas e que justificam essa preferência entre as quais:

- Serviços e infraestruturas (8 respostas)
- Transportes (3 respostas)
- Emprego (2 respostas)
- Desenvolvimento (1 resposta)

Acrescenta-se ainda que 8 referem que na cidade encontra-se informação (4 respostas), oferta cultural (4 respostas), animação, movimento e fascínio (4 respostas), sendo que é, também, um lugar calmo a que já se está habituado (3 respostas).

Mas quanto à vida no campo, as respostas vão no sentido das respostas dadas pelos 8 inquiridos do outro grupo e que foi previamente analisado no capítulo 3 (os que afirmam não gostar de viver na cidade), embora estas sejam muito mais variadas. Assim encontram-se cinco grupos de classificação da vida no campo (ver Quadro 1):

- Vida calma, tranquila e sossegada (12 respostas)
- Uma vida com um ambiente saudável e próximo da natureza (7 respostas)
- Uma vida trabalhosa, com dificuldades, cansativa e pobre (10 respostas)

- Uma vida rotineira e isolada (6 respostas)
- Uma vida triste e agreste (2 respostas)

Quadro 1 – A relação com a vida na cidade e imagens da vida no campo

Porque gosta de viver na cidade	Porque não gosta de viver na cidade	Como imagina a vida no campo	A minha vida no campo
Serviços e infraestruturas 8	Demasiado grande 1	Calma, tranquila e sossegada 12	Calma, sossegada e sem stress 9
Transportes 3	Muita confusão e grande movimento 5	Ambiente saudável, natureza 7	Saudável 6
Animação, movimento e fascínio 4	Poluída e barulhenta 2	Trabalhosa, difícil, cansativa e pobre 10	Monótona, nostálgica e aborrecida 7
Informação 4	Cansativa 2	Rotineira e isolada 6	Trabalho agrícola, cansativa 3
Oferta cultural 4	Trânsito excessivo 1	Triste e agreste 2	Agrícola, enquanto proprietário de uma quinta 2
Emprego 2			

Ainda que as evocações do campo associadas a uma dimensão positiva, também sejam dominantes para este grupo, as evocações mais negativas também não deixam de ser significativas, nomeadamente a associação a uma vida de trabalho cansativo e pouco recompensatória.

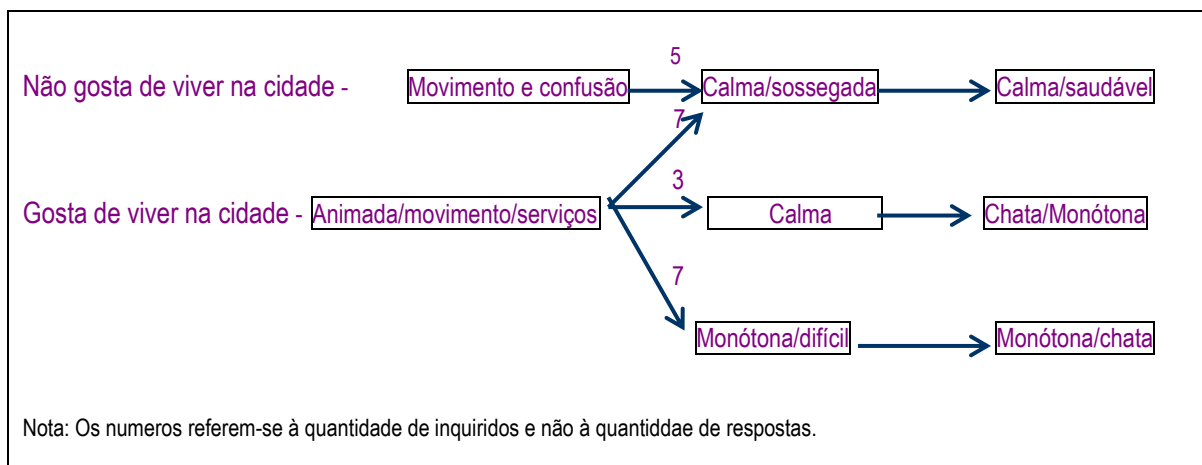
Finalmente quando se pergunta como é que as pessoas imaginariam a sua vida se vivessem no campo, estas respondem logo que imaginariam uma vida calma, sossegada e sem stress. Ou seja. A contrapartida de oferta de infraestruturas, serviços, transportes, cultura e movimento parece ter como contraponto a ausência de uma certa calma e relaxe que se pode encontrar no campo. Embora, a opção final seja por essas infraestruturas e não pela calma tão mencionada, uma vez que a maioria das pessoas depois afirma que gostaria de viver em cidades (embora preferencialmente de pequena dimensão). Mas as imagens de uma vida pessoal no campo distribuem-se por:

- Vida calma, sossegada e sem stress – 9 respostas
- Uma vida saudável – 6 respostas
- Uma vida monótona, nostálgica e aborrecida – 7 respostas

- Uma vida de trabalho agrícola cansativo – 3 respostas
- Uma vida agrícola, mas boa enquanto proprietário de uma quinta – 2 respostas

Os resultados aqui descritos e sistematizados no quadro 1, foram sintetizados para uma figura que ilustra a relação que existe entre gostar, ou não gostar, de viver na cidade e as razões apontadas para essa escolha e as imagens associadas à vida no campo (figura 10).

Figura 10 – Relação entre gostar/não gostar de viver na cidade e imagens da cidade e campo



Verifica-se que independentemente de se gostar, ou não, de viver na cidade, facilmente se associa ao campo uma imagem de calma, sossego e vida saudável. Contudo existe uma maior variação de imagens dessa vida no campo, para os inquiridos que afirmam gostar de viver na cidade. Essa variação é ainda maior na situação em que os inquiridos referem-se à sua vida sem, de facto, esta fosse vivida no campo. Emboa possam associar o campo a uma vida saudável, quando se referem à sua própria vida a associação já pode não ser a mesma, mas antes uma identificação com a monotonia e dificuldades.

Concluindo, temos um grupo de inquiridos que não só rejeita a vida na cidade como imaginariam ter uma vida calma e saudável no campo, e temos um segundo grupo de inquiridos que não rejeita essa vida na cidade que lhes traz uma série de vantagens e que, face ao campo, subdividem-se entre os que o consideram calmo e os que o consideram monótono.

6. COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DAS DUAS FASES DE INQUIRÇÃO. UMA MEDIDA DA CONSISTÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES

Após analisados os resultados da primeira fase de inquirção e antes de se realizar a análise da segunda fase, fez-se uma comparação das respostas dadas entre estes dois momentos, com o intuito de se verificar se existiam registos de alterações e em que situações.

Contudo, dos resultados dessa análise comparativa verificou-se, não se registava qualquer tipo de diferença significativa entre ambas, sendo que assim, o panorama destas representações aparenta ser consistente e estável, para os inquiridos deste painel. Onde se podem verificar eventuais alterações é na configuração das imagens da vida no campo que nos era dada pelo conjunto das duas respostas abertas do inquérito. Mas, uma análise de conteúdo das respostas da segunda fase, levou a concluir que também estas se mantêm sem alterações significativas. Para estes inquiridos, esta é uma temática onde as suas posições surgem claras e bem definidas ao longo do tempo (pelo menos num tempo de curta duração) verificando-se simultaneamente deste modo que existe uma separação clara entre o campo e a cidade que é também uma separação entre uma qualidade de vida material com alguma agitação e cansaço e um bem-estar de vida mais geral saudável mas mais monótono. .

CONCLUSÕES

Numa breve conclusão, verificou-se a partir da análise realizada que para os inquiridos do painel, ao fazer-se uma opção do local onde viver esta recai sobre a vila e cidades de pequena dimensão. O perfil dos indivíduos que manifesta estas opções é semelhante ao perfil definido através dos resultados do Inquérito Nacional de 1997, uma vez que aqui são também os mais jovens que optam claramente pelas cidades (de grande ou pequena dimensão) e são os mais escolarizados que optam pelas vilas e cidades de pequena dimensão. Neste inquérito verificou-se que as mulheres, por sua vez fazem também uma opção clara pela vida nas cidades acompanhando as escolhas dos mais jovens.

As aldeias e as cidades de grande dimensão são as opções menos escolhidas, sendo também as mais extremadas. Os motivos que justificam o vevier, ou gostar de viver na cidade estão associados a uma qualidade de vida estrutural ou material, associada aos serviços, infraestruturas, emprego e acesso à informação. A possibilidade de aceder a um desenvolvimento e a alguma movimentação.

Quanto às opções de férias e fins-de-semana, a praia oferece tantas oportunidades de descanso como o campo e acaba por ser preferível a este para os momentos de escape da vida urbana. Provavelmente a preferência pela praia pode também estar associada não só ao contacto com o mar, mas também à maior acessibilidade a uma oferta de bens e serviços tão referenciados pelos inquiridos quando se referiam à vida na cidade.

Finalmente, apesar da vida no campo relacionar-se com uma imagem de sossego, calma e ambiente mais saudável está também, e como contraponto, relacionada com a monotonia, aborrecimento e a alguma pobreza e dificuldades de vida. Sendo relaxado e saudável, o campo parece ser também, essencialmente estático e com uma vida mais difícil.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Ferreira de (coord) (1999) *Os Portugueses e o Ambiente*, Lisboa, Celta Editora

ALMEIDA, João Ferreira, FERRIRA, Ana Cristina, POTT, Marisa (1999) *Painel – Expo98, os Mares e os Oceanos*, (Relatório final) Lisboa, OBSERVA